

## Fragmento de paisagens

João Castro Silva

Dimensões - 210x200x1500 cm

Materiais - fardos de palha e troncos de eucalipto

No dia que me foi dada a conhecer a área de implantação onde iria decorrer o Land Art Cascais quase que automaticamente escolhi o primeiro dos locais que nessa manhã visitámos. Era um cabeço situado na parte mais alta do parque e que me cativou pela leitura que se fazia do Palácio da Pena. Daquele lugar também se podia observar todo o vale, Cascais e o mar...

Acabava de chegar de Lisboa e, de repente, estava completamente embrenhado num ambiente rural onde a difícil planimetria do terreno dificultava a locomoção, contrastando com a lisura do asfalto e da calçada lisboeta. A alteração do ambiente foi abrupta, sentia-me como que deslocado, perdido, e a referência civilizacional ao longe era de alguma forma reconfortante naquele ambiente 'vazio'. Continuou-se a visita, percorrendo-se o parque e as memórias do lugar, e já a minha cabeça 'viajava' em formas, espaços, materiais e lugares de implantação, sem ainda saber o que fazer, como e onde. Percorri imaginariamente formas verticalizadas que se impõem afirmativamente no terreno, inscrições monumentais que têm leituras aéreas, desenhos em encostas realizados a cal, percursos pedonais entre as copas das árvores, possibilidades de leitura da floresta do ponto de vista dos pássaros. Mas a imagem do Palácio da Pena perseguia-me, teria de ser aquele cabeço. A forma e o material viriam por acréscimo, em função do apelo que o lugar criou e das vivências que o povoaram.

A ideia de criar uma escultura 'habitável' já me perseguia há algum tempo, a vontade de utilizar como material de construção fardos de palha também. O Land Art Cascais surgiu inesperadamente como uma feliz confluência destes factores. A forma da minha escultura surge da vontade em coagir uma leitura de dois pontos na paisagem, o Palácio da Pena e o Mar, e, ao mesmo tempo, relembrar a presença humana que afeiçoou aquelas terras. Quando defini os pontos da paisagem que queria exaltar surgiu a forma, em arco de circunferência. Queria ainda definir um caminho, uma área 'neutra' que associasse de modo mais apreensível as paisagens. Os fardos de palha seriam módulos de construção, sempre paredes e tecto: um túnel.

Ao entrar e percorrer o objecto, a intensidade luminosa do exterior diminui, o chão de terra compacto torna-se subitamente inconsistente, os sons do exterior dão lugar a um restolhar abafado que se combina com o cheiro da palha fresca. Depois, de novo a luz e uma diferente percepção da paisagem. É um túnel sem entradas nem saídas definidas, uma figura geométrica que impõe os seus planos e arestas na paisagem. É a percepção do confronto entre espaço aberto e espaço fechado.

Mesmo quando se percorre uma paisagem, de alguma maneira somos constrangidos pelo olhar displicente com que olhamos cartazes publicitários e pessoas a caminhar nas ruas apinhadas, montras cheias de tudo e carros que passam sem parar. Olhamos, mas não vemos. Somos bombardeados, a um ritmo alucinante, com milhares de imagens todos os dias, é-nos impossível processar essa quantidade de informação visual recebida, precisamos de tempo, de pausas, de ver.

Esta escultura define um percurso, uma alteração abrupta de ambientes em que, num momento, temos todo um vale à nossa mercê e, logo a seguir, somos 'obrigados' a percorrer um túnel escuro, onde é difícil andar, para depois reencontrar de novo a paisagem. Talvez seja de reencontros que esta escultura nos fale, fechar os olhos para se ver de novo, parar para se poder caminhar melhor. Ganhar tempo para se reflectir, dar mais importância àquilo que nos envolve. A minha escultura é um abrigo onde se pode parar, e ver. Curvamo-nos e percorremos o túnel, a luminosidade desaparece gradualmente para de novo voltar, endireitamo-nos e enchemos o peito de ar, olhamos o horizonte à nossa frente e podemos, definitivamente, ver.

<http://joaocastrosilva-escultura.blogspot.com/>